

HOJE É DIA D...

FEV 2022

EDIÇÃO Nº 32

100 ANOS DA SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922



Cabeça de Cristo (1919-1920). Escultura em Bronze (31,5 x 14 x 15 cm), de Victor Brecheret



JUSTIÇA FEDERAL

Seção Judiciária do Paraná

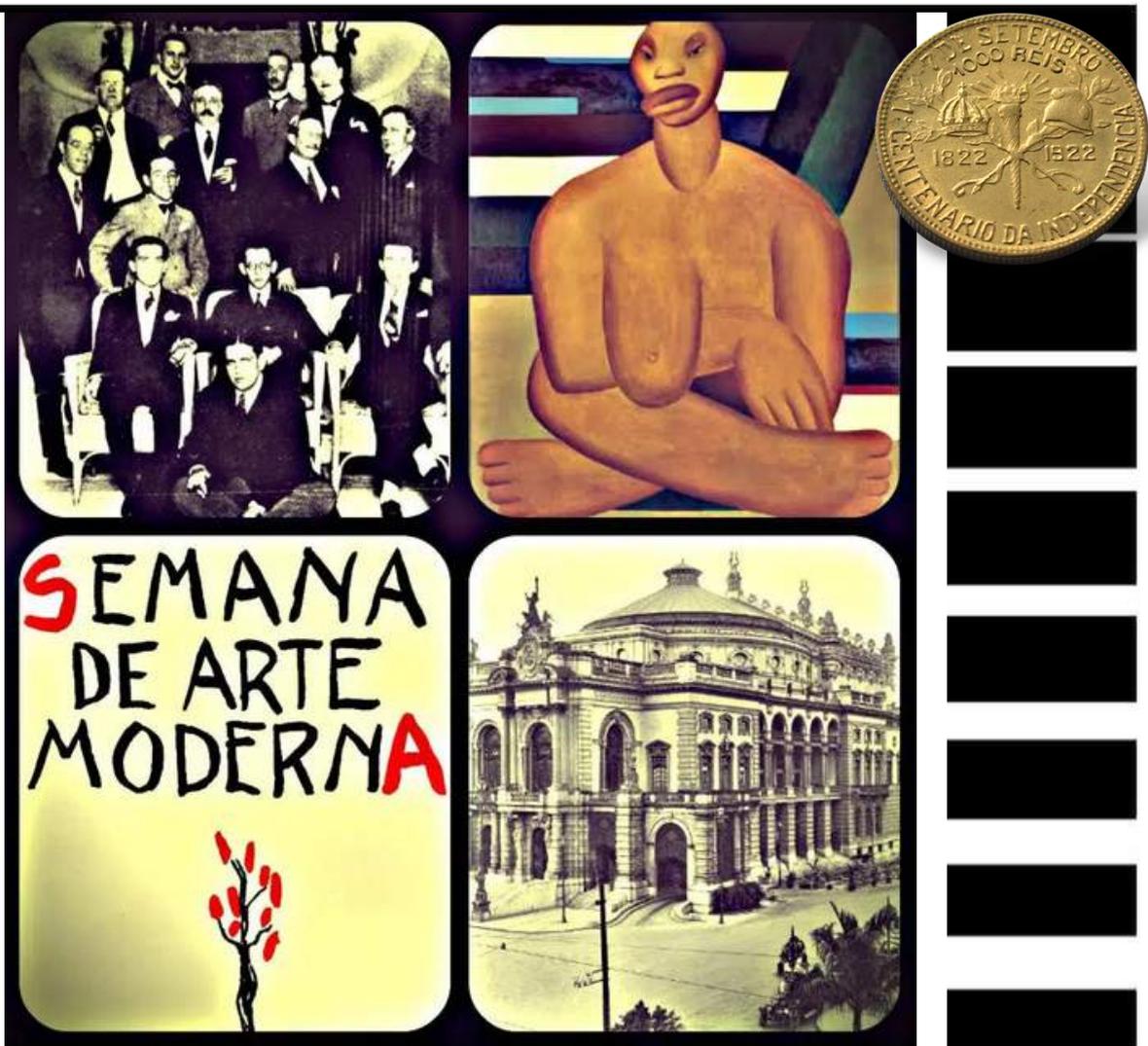
Núcleo de Documentação e Memória

Seção de Memória Institucional



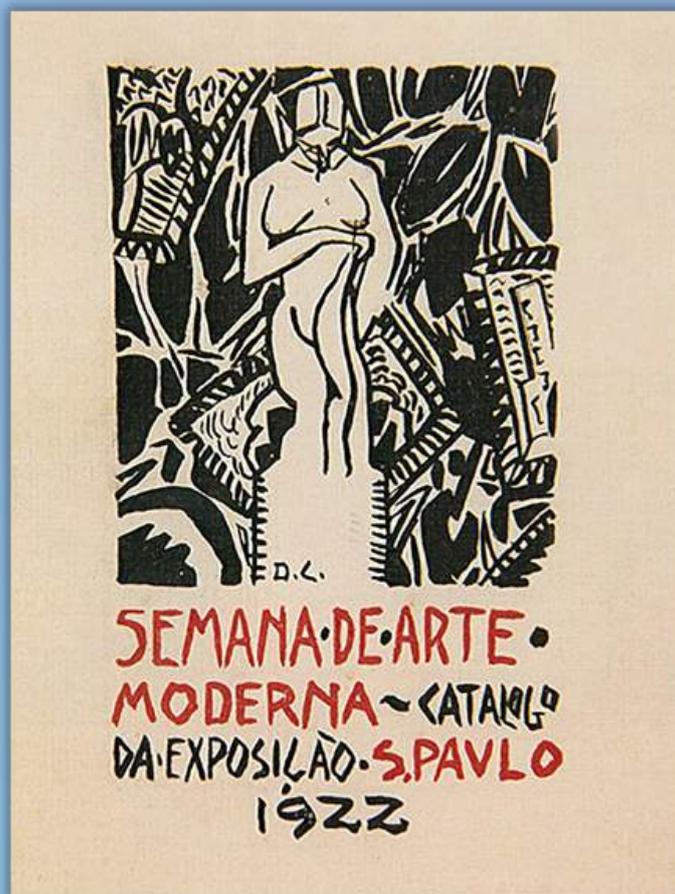
"Foi quando Brecheret me concedeu passar em bronze um gesso de que eu gostava, uma "Cabeça de Cristo", mas com que roupa! eu devia os olhos da cara! Andava as vezes a pé por não ter duzentos réis pra bonde, no mesmo dia em que gastara seiscentos mil réis em livros... E seiscentos mil réis era dinheiro então. Não hesitei: fiz mais conchavos financeiros com o mano, e afinal pude desembulhar em casa a minha "Cabeça de Cristo", sensualissimamente feliz. Isso a noticia correu num átimo, e a parentada que morava pegado, invadiu a casa pra ver. E pra brigar. Berravam, berravam. Aquilo era até pecado mortal! estrilava a senhora minha tia velha, matriarca da família. Onde se viu Cristo de trancinha! era feio! medonho! Maria Luísa, vosso filho e um "perdido" mesmo. Fiquei alucinado, palavra de honra. Minha vontade era bater. Jantei por dentro, num estado inimaginável de estraçalho. Depois subi para o meu quarto, era noitinha, na intenção de me arranjar, sair, espairecer um bocado, botar uma bomba no centro do mundo. Me lembro que cheguei à sacada, olhando sem ver o meu largo. Ruídos, luzes, falas abertas subindo dos choferes de aluguel. Eu estava aparentemente calmo, como que indestinado. Não sei o que me deu. Fui ate a escrivaninha, abri um caderno, escrevi o titulo em que jamais pensara, "Paulicéia Desvairada". O estouro chegara afinal, depois de quase ano de angústias interrogativas. Entre desgostos, trabalhos urgentes, dívidas, brigas, em pouco mais de uma semana estava jogado no papel um canto bárbaro, duas vezes maior talvez do que isso que o trabalho de arte deu num livro."

Trecho do "**O Movimento Modernista**", de Mário de Andrade (Conferência lida no Salão de Conferencias da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, no dia 30 de abril de 1942)



De 13 a 18 de fevereiro de 1922 acontecia, em São Paulo, a Semana de Arte Moderna ou “Semana de 22”, como ficou conhecida posteriormente na História brasileira. Organizado por ocasião do centenário da independência do Brasil, ocorrida em 1822, o evento aconteceu no Teatro Municipal de São Paulo, marcando o início do Modernismo no Brasil. A Semana tornou-se referência cultural no País, definindo sua adesão a novas estéticas artísticas. É um marco na História brasileira, não só do ponto de vista artístico, mas também do político e do cultural, uma vez que novas tendências de arte e comportamento foram adotadas a partir dos profundos questionamentos lançados por seus idealizadores.

Cada dia da Semana abordou um aspecto artístico: pintura, escultura, poesia, literatura e música.



Capa do Catalogo da Semana de 22, em criação de Di Cavalcanti - Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural

A Semana de Arte Moderna nasceu no momento que o mundo assistia ao fim de uma grande guerra e tudo se renovava nas estruturas mentais e políticas da sociedade. Foi um verdadeiro marco na história de São Paulo, e considerada um divisor de águas na cultura brasileira. O evento - organizado por um grupo de intelectuais e artistas por ocasião do Centenário da Independência - declarou o rompimento com o tradicionalismo cultural associado às correntes literárias e artísticas anteriores: o parnasianismo, o simbolismo e a arte acadêmica. A defesa de um novo ponto de vista estético e o compromisso com a independência cultural do país fizeram do modernismo sinônimo de "estilo novo", diretamente associado à produção realizada sob a influência de 1922.

A principal função da Semana de 22 para a história da arte brasileira foi romper o conservadorismo vigente no cenário cultural da época. Não havia um conceito que unisse os artistas, nem um programa estético definido. A intenção era destruir o status quo.



Chamada para a Semana

Os estudiosos tendem a considerar o período de 1922 a 1930 como a fase em que se evidencia um compromisso primeiro dos artistas com a renovação estética, beneficiada pelo contato estreito com as vanguardas europeias – sobretudo com o **cubismo** , o **futurismo** e o **surrealismo** . Tal esforço de redefinição da linguagem artística se articulou a um forte interesse pelas questões nacionais, que ganhou acento destacado a partir da década de 1930, quando os ideais de 1922 se difundiram e se estabeleceram.

A Semana de Arte Moderna apresenta-se como a primeira manifestação coletiva pública na história cultural brasileira a favor de um espírito novo e moderno em oposição à cultura e à arte de teor conservador, predominantes no país desde o século XIX.

Theatro Municipal
SEMANA DE ARTE MODERNA
 PROGRAMMA DO PRIMEIRO FESTIVAL
 SEGUNDA-FEIRA, 13 DO CORRENTE — Às 20.30 horas

1ª PARTE
 Conferencia de Graça Aranha:
 A arte estetica na arte moderna. Illustrada com musica executada por Ernani Braga e povos por Galbermo de Almeida e Emanoel de Carvalho.

Musica de camera
VILLA-LOBOS
 1 — Sonata II de violoncello e piano — 1916.
 A (Allegro Moderato) — B (Andante) — C (Eterno) — D (Allegro vivace antecora e final).
 Alfredo Gomes e Lucia Villa-Lobos.
 2 — Três Esquemas (1916) violão, cello e piano.
 A (Allegro Moderato) — B (Andantino calmo (Boccherini-Boccherini)) — C (Eterno-Spirito) — (Molto Allegro e final).
 Facinea, Ambrosio, Alfredo Gomes e Fructuosa de Lima Vianna.

2ª PARTE
 Conferencia de Ronald de Carvalho:
 A pintura e a escultura moderna do Brazil
 3 — Solo de piano — Ernani Braga.
 (1917) A (Vals Sinciza — "Da simples collectiva" (1919) B (Composera Cantocora — "Da suite Iocul" (1921) C (A Flancéna).
 4. Orquestra — (Tres danças africanas)
 A (Farrapos — (Danza dos moços) 1914.
 B (Kambôba — (Danza dos velhos) 1925.
 C (Kambôba — (Danza dos moços) 1927.
 Violões, Facinea d'Ambrosio, George Mariziani, Alfr. de Lima Vianna.
 Violoncellos, Alfredo Gomes, Boas, Alfredo Carraz, Fritas, Pedro Vianna, Clarinetas: Antão Soares, Flautas: Facinea de Lima Vianna.

Preços para
CAMAROTES e FRISAS. 18\$000
 Bebêes à venda no theatro Municipal e no secretario do

THEATRO MUNICIPAL
SEMANA DE ARTE MODERNA

Realizou-se hontem no Theatro Municipal o segundo festival da "Semana de Arte Moderna". Uma boa concorrencia, para a qual certamente contribuiu em grande parte a inclusão no programma do nome da nossa illustre pianista Guiomar Novaes.

Iniciou-se o sarau com a conferencia do sr. Menotti del Picchia. Pouco a pouco a atmosphera do theatro foi-se transformando com a collaboraçaõ das galerias, a ponto de lembrar em certos momentos a famosa noite de estrêa de Tórtola Valencia. Talvez isso tambem estivesse nas intenções dos promotores da reunião, embora não figurasse no programma. Espontanea manifestação da galeria ou clique de novo genero, o certo é que as phrasas e attitudes menos respeitosas artingiram algumas vezes artistas respeitaveis pelo seu talento e o seu passado, que collaboravam no festival. Mas, para os "verdadeiros modernistas", o passado das nações ou dos individuos não contam... Não se lhes pôde negar, nisso ao menos, uma certa logica...

Só a senhorita Guiomar Novaes conseguiu ser ouvida em silencio profundo, mesmo quando executava esse "archaico musicista" chamado Debussy, naturalmente uma perfeita nullidade para os que querem iniciar a Nova Era...

Amanhan o terceiro e ultimo festival consagrado ao compositor Villa-Lobos.

A exposiçõ de pintura e escultura está aberta no saguão do theatro durante o dia.

aa 3 rectas:
CADEIRAS e BALCOES 20\$000
 Automovel Club de São Paulo.

Notícia sobre a Semana

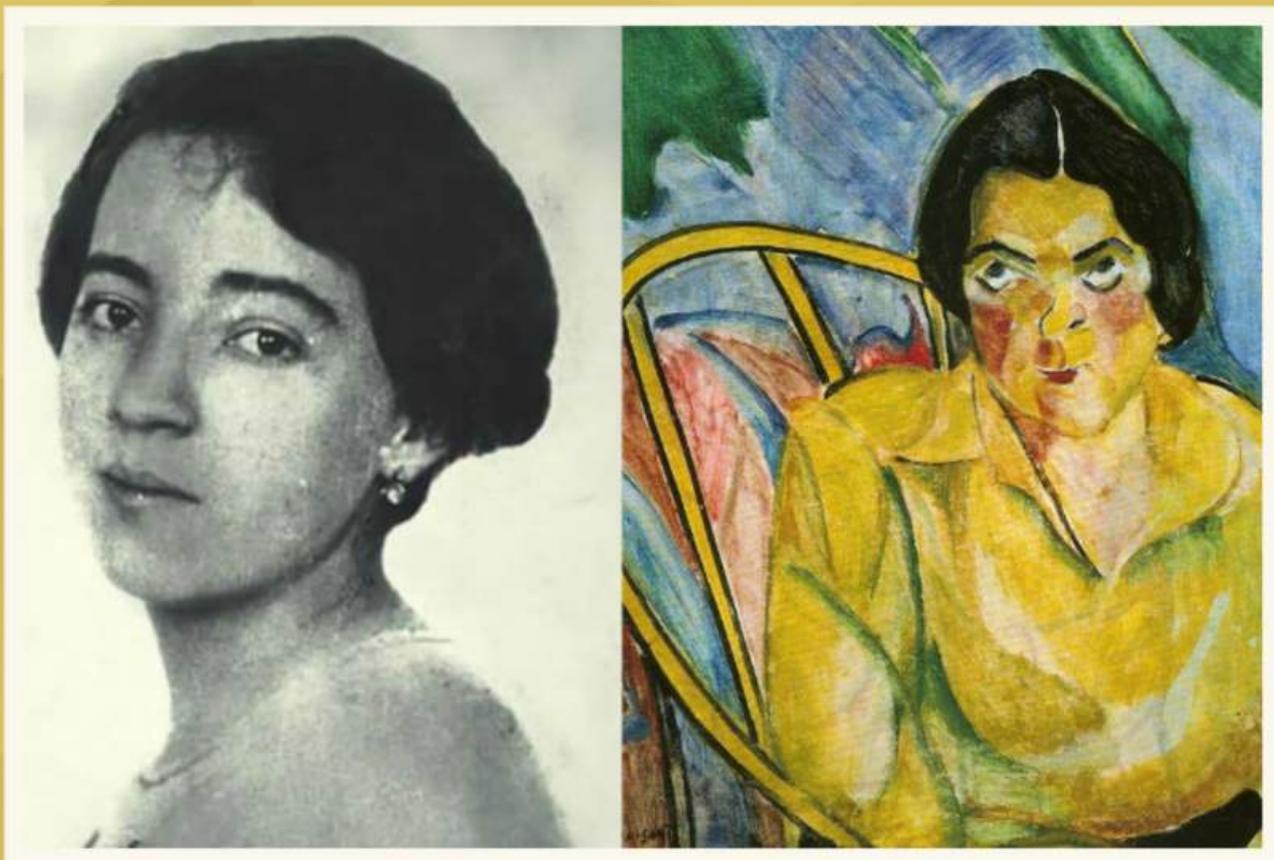
Ainda que o modernismo no Brasil deva ser pensado a partir de suas expressões múltiplas, a Semana de Arte Moderna é um fenômeno eminentemente urbano, conectado ao crescimento de São Paulo na década de 1920, à industrialização, à migração maciça de estrangeiros e à urbanização.



O Teatro Municipal de São Paulo, palco da Semana de 22
 Wikimedia Commons

OS PRINCIPAIS ARTICULADORES E PARTICIPANTES DA SEMANA

ANITA MALFATTI (1889-1964)



Anita e sua obra A Boba - ebiografia

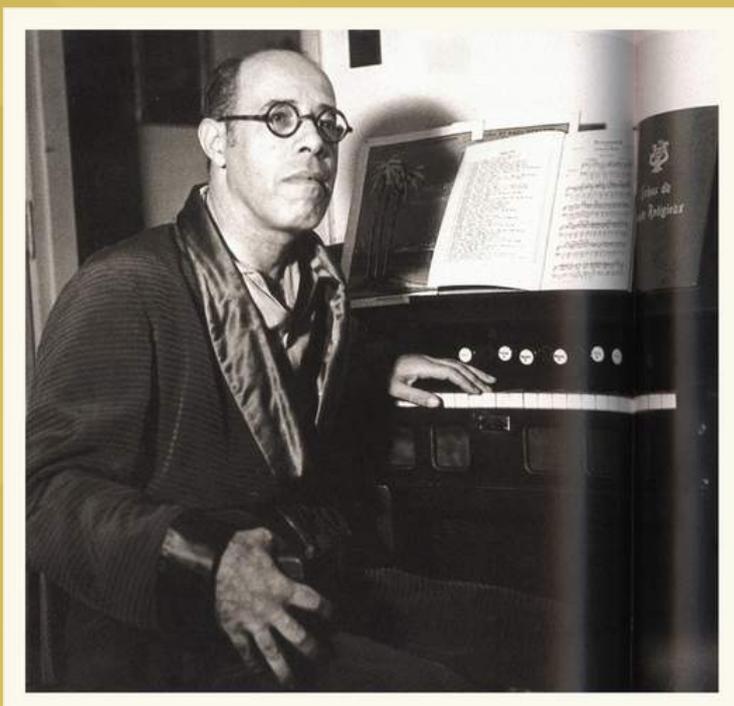
Anita foi uma brasileira com origens europeias: seu pai (Samuel Malfatti) era um engenheiro italiano e a mãe (Betty Krug) era uma norte-americana com descendência alemã. Foi provavelmente da mãe que Anita herdou o gosto pelas artes uma vez que Betty dava aulas de pintura e línguas.

Aos dezenove anos, Anita tornou-se professora e logo depois foi estudar na Alemanha. A jovem também chegou a estudar em Nova Iorque.

De volta ao Brasil, Anita continuou pintando e, incentivada por alguns amigos, participou da Semana de Arte Moderna de 1922. A partir de então, a sua carreira decolou de vez, tendo Anita exposta em Berlim, Nova Iorque e Paris. Além de ser celebrada no próprio país, a artista teve a sorte de receber em vida reconhecimento internacional.

Entre as suas telas mais famosas estão: A Boba (1916), O Homem Amarelo (1916) e Mário de Andrade I (1922).

MÁRIO DE ANDRADE (1893-1945)



Mário de Andrade -
O Globo

Pioneiro, **Mário de Andrade** foi autor do livro de poemas **Pauliceia Desvairada**, inaugural da primeira fase do Modernismo. Além de escrever ficção, o intelectual também foi crítico de arte em jornais e revistas. Polivalente, amante da música, Mário chegou igualmente a dar aulas particulares de piano.

Em termos literários, a sua maior criação foi provavelmente o romance **Macunaíma** (1928), que chegou a ser mais tarde adaptado para o cinema. Já nessa produção, vemos uma característica fundamental do autor: Mário procurava uma linguagem nacional, queria conhecer a fundo a cultura de cada região do país e valorizar a nossa terra.

Não à toa, ele empreendeu uma série de viagens pelo Brasil, a investigação fazia parte do seu projeto nacionalista. Um dos maiores articuladores do Modernismo, Mário participou ativamente da Semana de Arte Moderna.

OSWALD DE ANDRADE (1890-1954)



A vida de **Oswald** era definitivamente uma agitação: foi militante político, ajudou a criar manifestos, vivia cercado de amigos, tinha uma personalidade divertida e irônica. Filho único, desde cedo soube que seria escritor porque um professor do Ginásio de São Bento assim o disse. E não é que o tal professor tinha razão?

Sua porta de entrada no jornalismo foi no Diário Popular, onde começou a escrever em 1909. Logo depois, virou crítico teatral e fundou uma revista. Em 1912, a vida do escritor virou de ponta-cabeça depois de uma ida à Europa. Entre os seus trabalhos o mais famoso certamente foi o **Manifesto Pau-Brasil** (1924).

Muito próximo de diversos artistas, Oswald foi um dos agitadores que esteve a frente da organização da Semana de Arte Moderna. O autor foi casado com a pintora **Tarsila do Amaral** por três anos, de 1926 a 1929.

GRAÇA ARANHA (1868-1931)



Graça Aranha - Portal Uol

Filho de uma família abastada, **Graça Aranha** formou-se em Direito, foi juiz e diplomata. O escritor também foi logo cedo eleito membro da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira número 38.

Devido a sua carreira no Itamaraty, viveu em uma série de países, como Itália, França, Holanda, Suíça e Inglaterra. Somente em 1920 regressou ao Brasil, justo a tempo de participar do movimento artístico que culminou na Semana de Arte Moderna.

Foi Graça Aranha o responsável pelo discurso inaugural da Semana. Sua obra mais importante foi o romance **Canaã**, de 1902.

VICTOR BRECHERET (1894-1955)



Victor Brecheret e o Monumento às Bandeiras, de sua autoria - ebiografia

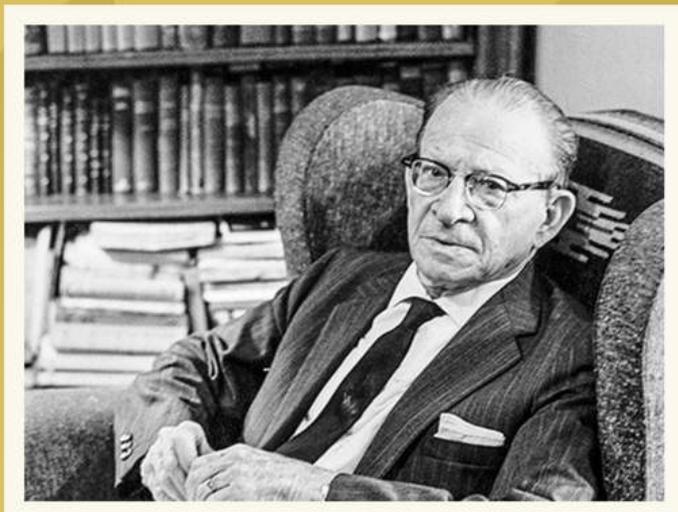
Quem é amante de escultura provavelmente é fã de carteirinha de **Victor Brecheret**. Esse escultor nascido na Itália foi responsável pela introdução da arte moderna na escultura brasileira.

Órfão de mãe aos dez anos, o garoto foi criado pelo tio Enrico Nanni, que migrou para o Brasil e trouxe o sobrinho com ele. Aos 18 anos, o escultor entrou no Liceu de Artes e Ofício. Encantado com a arte da escultura, foi para Roma aprofundar as técnicas. Lá esteve durante cinco anos, até 1919, quando retornou para o Brasil e montou o seu próprio ateliê.

Muito amigo de Di Cavalcanti, Mário de Andrade, Menotti Del Picchia e Oswald de Andrade, Victor participou da Semana de Arte Moderna mesmo estando fisicamente distante. Na ocasião do evento, o escultor estava vivendo em Paris, mas ainda assim, fascinado com o projeto dos amigos, decidiu participar enviando vinte esculturas que foram dispostas no saguão e nos corredores do Teatro Municipal de São Paulo.

Um dos seus mais famosos trabalhos foi o Monumentos às Bandeiras, situado no Parque do Ibirapuera (São Paulo).

MENOTTI DEL PICCHIA (1892-1988)



Menotti Del Picchia - ebiografia

Menotti Del Picchia, filho de imigrantes italianos, nasceu em São Paulo. Escritor, jornalista, advogado, tabelião e político, ficou famoso especialmente pelas inovações que promoveu em seus trabalhos em nível de linguagem.

Um dos responsáveis pela Semana de Arte Moderna, o intelectual abriu a segunda noite do evento. Dois anos mais tarde, ao lado de Plínio Salgado, Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo, o grupo criou o Movimento Verde e Amarelo. Menotti ocupou, a partir de 1943, a cadeira número 28 da Academia Brasileira de Letras. Seu trabalho mais famoso foi **Juca Mulato** (1917).

GUILHERME DE ALMEIDA (1890-1969)

Poeta, jornalista, tradutor e advogado, **Guilherme de Almeida** enveredou pelo jornalismo literário tendo sido redator do Estado de São Paulo e do Diário de São Paulo. Ele também chegou a dirigir a Folha da Manhã e da Noite.

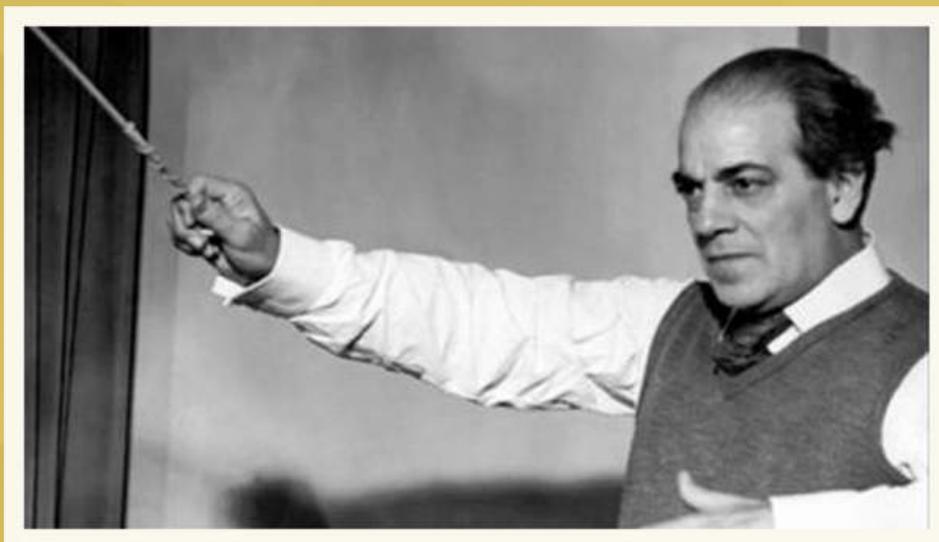


Guilherme de Almeida - ebiografia

Lançado em 1917, **Nós** foi o seu primeiro livro de poesia. Apesar de ter integrado o grupo que participou da Semana de Arte Moderna, Guilherme não era propriamente um entusiasta do modernismo.

Devido aos seus ideais políticos (participou da Revolução Constitucionalista de São Paulo), viu-se obrigado a sair do país e esteve longos anos exilado na Europa. Ocupou a cadeira número 15 da Academia Brasileira de Letras (aliás, foi o primeiro modernista a frequentar propriamente a Academia). O pensador era um grande tradutor, dominava grego e latim, e conhecia profundamente a cultura renascentista.

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)



Heitor Villa-Lobos - ebiografia

Maior maestro e compositor erudito do Brasil, o carioca **Heitor Villa-Lobos** era filho de um músico amador, com quem aprendeu a dominar violão e violoncelo. Depois veio o clarinete, o saxofone e o piano. Começou a compor quando tinha apenas seis anos. Foi em 1907, aos vinte, que criou Os Cantos Sertanejos, uma composição para uma pequena orquestra. Na juventude, sustentava-se tocando em teatros e cinemas no Rio de Janeiro.

Quando se apresentou na Semana de Arte Moderna (de casaca e chinelo – veja detalhes nas curiosidades ao final da edição), o compositor foi vaiado porque apresentou uma composição que mesclava ritmos folclóricos e música erudita.

A apresentação ajudou a projetar Heitor internacionalmente. O próprio compositor achava que era mais reconhecido fora do país do que dentro dele.

Heitor Villa-Lobos recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Nova Iorque. Foi também o fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Música.



O auge de sua carreira se deu na década de 1930, quando deu início à série das nove **“Bachianas Brasileiras”**, suítes para diversas combinações de instrumentos que expressam a afinidade entre Bach (daí o nome “Bacchianas”) e procedimentos melódicos e harmônicos da música popular instrumental brasileira. Clique no álbum para ouvi-lo!

Álbum Bachianas brasileiras nºs 2, 5, 6 e 9
Foto: fr.rateyourmusic.com

DI CAVALCANTI (1897-1976)



Di Cavalcanti - arteref

Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque gostava de representar em suas pinturas temas tipicamente brasileiros, como as mulatas, as favelas, o samba e o carnaval.

Muito próximo de **Manuel Bandeira**, Di Cavalcanti ilustrou o seu livro *Carnaval*, em 1919.

Na Semana de Arte Moderna, além de apresentar onze telas no hall do Teatro, Di Cavalcanti foi responsável por criar a capa do catálogo.

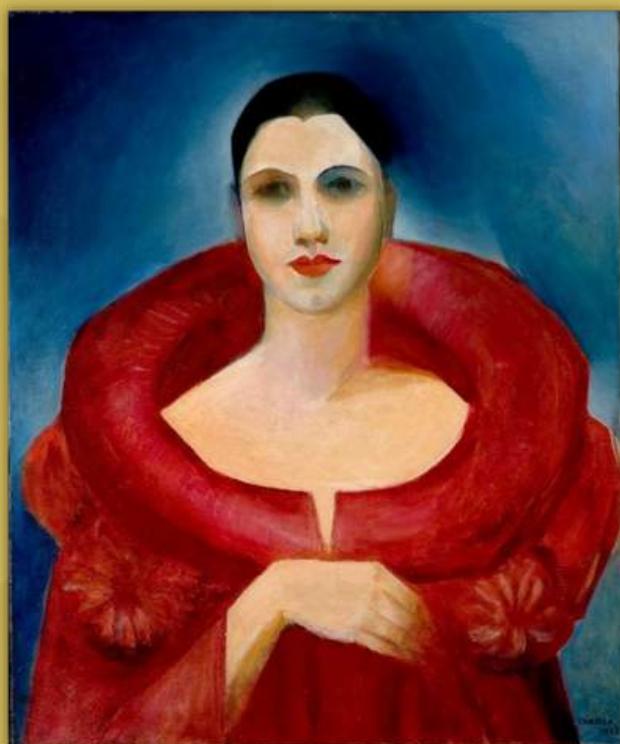
O talentoso jovem fundou, em 1932, o clube dos Artistas Modernos.

Em termos políticos foi filiado ao Partido Comunista Brasileiro e, devido à sua ideologia, foi perseguido pelo governo Vargas, tendo se mudado para a Europa. Di Cavalcanti apresentou as suas telas em Paris, Londres, Bruxelas e Amsterdam.

TARSILA DO AMARAL (1886-1973)



Tarsila do Amaral - wikipedia creative commons



“Auto-retrato”, 1923 - Tarsila do Amaral.
Foto: Cultura Genial

A pintora **Tarsila do Amaral**, à época em Paris, não participou da Semana de 22, mas se uniria ao grupo posteriormente, e se tornaria mais um de seus símbolos. Nascida em Capivari (SP), filiou-se definitivamente ao modernismo brasileiro ao pintar a tela *A negra* (1923).

Durante suas fases Pau-Brasil (1924-1928) e Antropofágica (1928-1930), a artista esteve completamente voltada para o movimento modernista brasileiro, quando produziu obras como: *Carnaval em Madureira* (1924) e *Abaporu* (1928). Já *Operários* (1933) é a obra mais conhecida de sua fase social.

O Modernismo brasileiro foi, aliás, impulsionado pelo Movimento Pau-Brasil, e pelo Movimento ou Manifesto Antropofágico.

Para saber mais:

- Movimento Pau Brasil e Movimento Antropofágico
- Os grandes pintores brasileiros da Semana da Arte Moderna em 1922

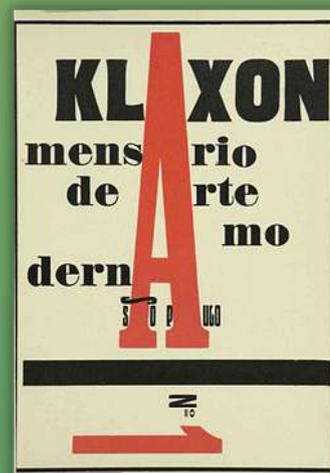


As Revistas do Movimento Modernista

À medida que os autores do Modernismo publicavam suas obras, as ideias modernistas iam sendo divulgadas. Entretanto, havia outra maneira de divulgá-las: por intermédio das revistas artísticas que traziam em suas publicações teorias sobre a arte moderna, poemas, trechos de contos e romances, propagandas e chamadas sobre eventos artísticos. Essas revistas, entretanto, não tiveram vida longa, mas nos seus curtos períodos de existência cumpriram seu papel.

As principais revistas modernistas brasileiras foram:

- **Klaxon - mensário de arte moderna:** surgiu em maio de 1922, em **São Paulo**, logo após a Semana de Arte Moderna. Entre 1922 e 1923 publicou nove números. Foram seus principais colaboradores: Oswald e Mário de Andrade, Graça Aranha, Menotti Del Picchia, Manuel Bandeira, para só citar esses nomes. Klaxon foi a mais representativa das revistas modernistas. Buscava a ideia de que a arte não deveria ser uma cópia da realidade. Clique na capa para conferir!



Revista Klaxon
Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

- **Revista de Antropofagia:** conheceu duas fases ou, como diziam seus criadores, duas “dentições”: 1ª. Revista mensal de oito páginas; de maio de 1928 a janeiro de 1929, publicou dez números. 2ª. Reduzida a uma página do Diário de **São Paulo**, tornou-se semanal, saindo 16 vezes, com algumas irregularidades, entre 17 de março e 10 de agosto de 1929. Clique nas capas para conferir!



Revista de Antropofagia.
Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin



Revista de Antropofagia (2ª dentição)
Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

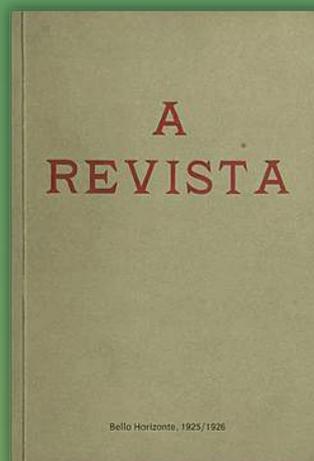
Apesar da vida breve, exerceu forte influência literária. Nela publicaram trabalhos, entre outros, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Ascenso Ferreira, Augusto Meyer, Murilo Mendes e Manuel Bandeira.

- **Estética:** surgiu em 1924, no **Rio de Janeiro**. Entre 1924 e 1925 publicou apenas três números. Dirigida por Prudente de Moraes e Sérgio Buarque de Holanda, deu continuidade, no Rio de Janeiro, às ideias da paulista Klaxon. Foram seus colaboradores, praticamente, todos os escritores-colaboradores da Klaxon. Clique na capa para conferir!



Revista Estética.
Fonte: Biblioteca Brasileira
Guita e José Mindlin

- **A Revista:** surgiu em 1925 e perdurou até 1926. foi responsável pela divulgação do Modernismo em **Minas Gerais**; seu grande colaborador foi Carlos Drummond de Andrade. Clique na capa para conferir!



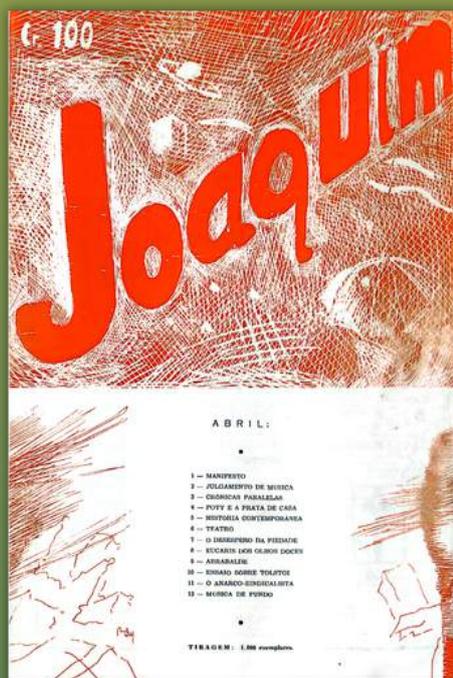
A Revista
Fonte: Biblioteca Brasileira
Guita e José Mindlin

- **Festa:** lançada no **Rio de Janeiro**, em 1927, por Tasso de Oliveira. Seguiu a linha do movimento espiritualista, o que recrutou um bom número de pensadores, filósofos e escritores católicos. Alcançou grande representatividade literária a partir de 1930. Clique na capa para conferir!



Revista Festa
Fonte: BN Digital

- **Revista Joaquim:** O periódico fundado em abril de 1946 na cidade de **Curitiba** por **Dalton Trevisan**, Erasmo Pilotto e Antônio P. Walger totalizou 21 edições, com periodicidade irregular, até dezembro de 1948. Clique na capa para conferir!



Revista Joaquim
Fonte: Biblioteca Pública do Paraná

Saiba mais sobre a vida e obra do escritor Dalton Trevisan:

Jornal Cândido - Nº 11 - Junho 2012
Fonte: Biblioteca Pública do Paraná





CURIOSIDADES...

- * No dia da abertura oficial do evento, 13 de fevereiro (uma segunda-feira), espalharam-se pelo saguão do Teatro Municipal, várias pinturas e esculturas que provocaram reações de espanto e repúdio por parte do público. O espetáculo tem início com a confusa conferência de **Graça Aranha**, intitulada "A emoção estética da Arte Moderna".
- * No dia 15 de fevereiro, **Guimar Novaes** era para ser a grande atração da noite. Contra a vontade dos demais artistas modernistas, aproveitou um intervalo do espetáculo para tocar alguns clássicos consagrados, iniciativa aplaudida pelo público. Mas a atração da noite foi a palestra de **Menotti del Picchia** sobre a arte estética. Menotti apresenta os novos escritores e surgem vaias e barulhos diversos (miados, latidos, grunhidos, relinchos...) que se alternam e confundem com aplausos. O poeta **Agenor Fernandes Barbosa** foi o único participante aplaudido pelo público no segundo dia do evento. Quando Ronald de Carvalho lê o poema intitulado "Os Sapos", de **Manuel Bandeira** (poema criticando abertamente o **parnasianismo** e seus adeptos), o público faz coro atrapalhando a leitura do texto. A noite acaba em algazarra. Ronald declamou o poema pois Bandeira estava impedido por uma crise de tuberculose.

OS SAPOS

MANUEL BANDEIRA

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
- "Meu pai foi à guerra!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: - "Meu cancioneiro
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinquenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A fôrmas a forma.

Clame a saporaria
Em críticas céticas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas..."

Urre o sapo-boi:
- "Meu pai foi rei!" - "Foi!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".

Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:
- A grande arte é como
Lavor de joalheiro.

Ou bem de estatuário.
Tudo quanto é belo,
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo".

Outros, sapos-pipas
(Um mal em si cabe),
Falam pelas tripas,
- "Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!".

Longe dessa grita,
Lá onde mais densa
A noite infinita
Veste a sombra imensa;

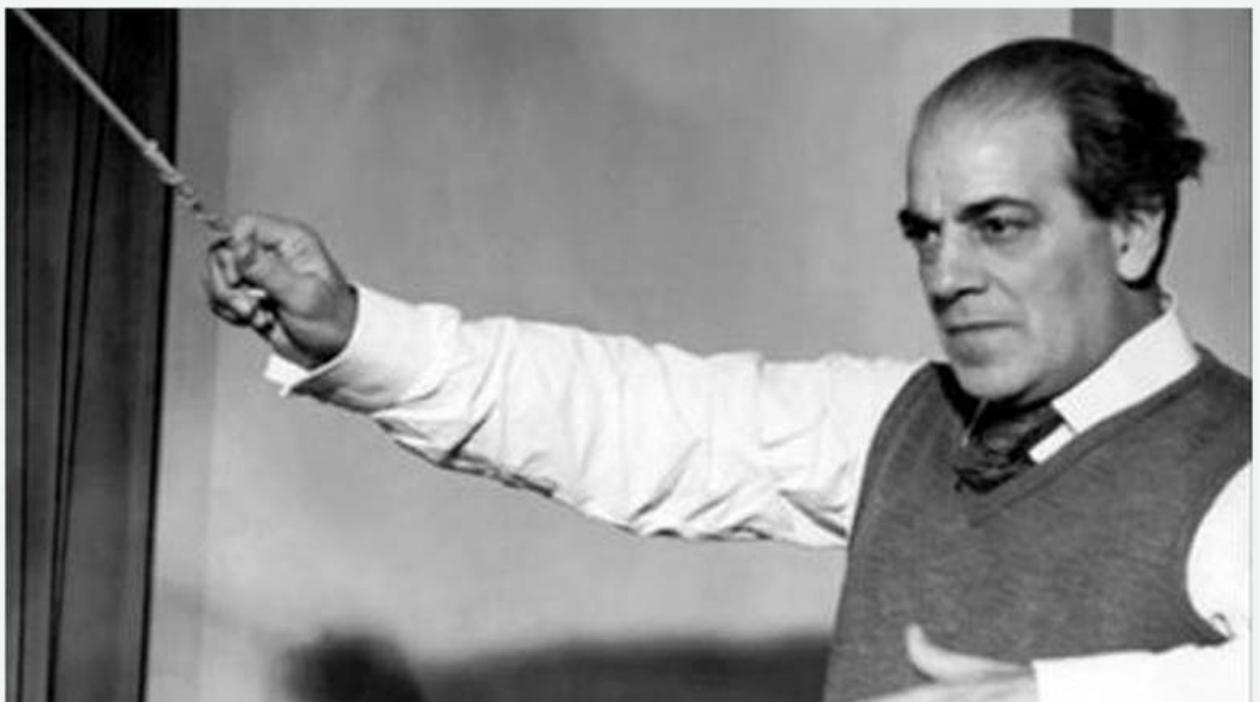
Lá, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No perau profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo-cururu
Da beira do rio...



Manuel Bandeira
wikipedia creative commons

- * No dia 17 de fevereiro ocorrem apresentações musicais de **Villa-Lobos**, com participação de vários músicos. O público, em número reduzido, portava-se com mais respeito, até que **Villa-Lobos** entra de casaca, mas com um pé calçado com um sapato, e outro com chinelo; o público interpreta a atitude como futurista e desrespeitosa e vaia o artista impiedosamente. Mais tarde, o maestro explicaria que não se tratava de modismo e, sim, de um calo inflamado...



Villa Lobos - agendatarsila

- * Na época, boa parte da mídia reagiu de forma conservadora ao Movimento da Semana de Arte de 1922, referindo-se aos vanguardistas como "subversores da arte", "espíritos cretinos e débeis" ou "futuristas endiabrados".



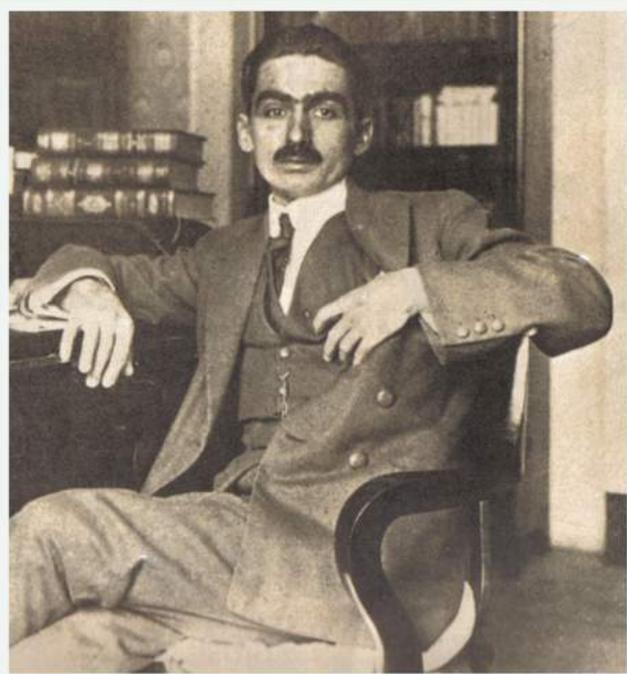
Charge da Semana de 22 criticando o Movimento

Um pintor moderno



— Senhorita, não se mexa tanto, senão o retrato não sáe parecido!

* **Monteiro Lobato** foi ferrenho opositor dos modernistas. Publicou um artigo no jornal O Estado de S. Paulo que sacudiu a sociedade e a crítica. Com o título de “Paranoia ou mistificação?”, o artigo criticava ferozmente a exposição de Anita Malfatti, apesar de reconhecer seu talento. Ao longo do texto, diz que as formas distorcidas e abstratas representadas nas obras modernistas seriam fruto de “cérebros transtornados por psicoses” e defende a arte tradicional da época, dizendo que “todas as artes são regidas por princípios imutáveis”.



Monteiro Lobato - wikipedia
creative commons

Leia também: **"Arte de manicômio": o inusitado conflito entre Monteiro Lobato e Anita Malfatti**

* Em 1928, Tarsila do Amaral oferece de presente de aniversário o quadro “Abaporu” ao seu companheiro, Oswald de Andrade. Oswald e o escritor Raul Bopp, impressionados com a pintura, acharam que parecia uma figura indígena, antropófaga, e Tarsila lembrou-se do dicionário tupi guarani de seu pai. Batizou-se o quadro de Abaporu, que significa “homem que come carne humana, o antropófago”. Oswald escreveu o Manifesto Antropófago e fundaram o Movimento Antropofágico. A figura do Abaporu simboliza o Movimento que “queria deglutir, engolir, a cultura europeia, vigente à época, transformando-a em algo bem brasileiro”.



O Abaporu em exposição – ohlanda

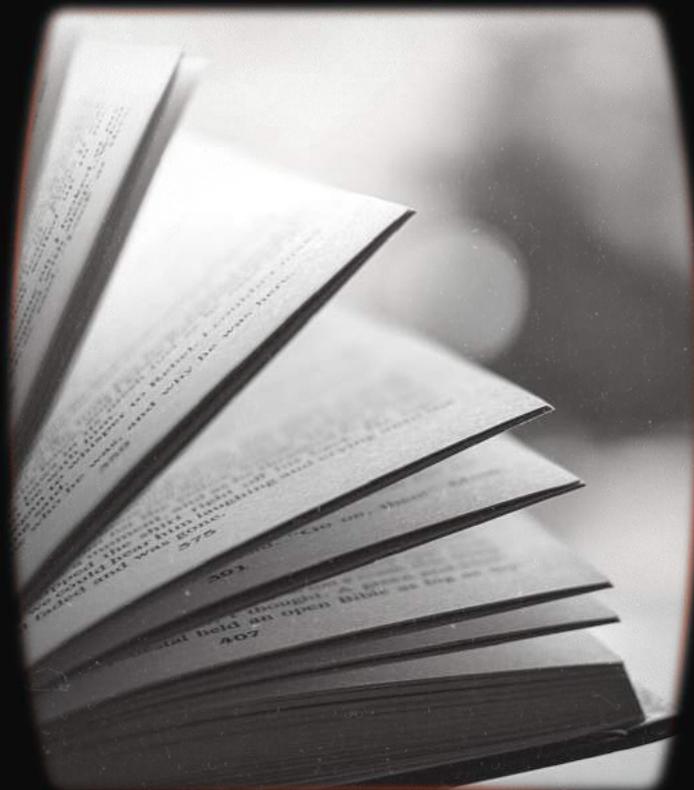
- * A obra foi arrematada em 1995 pelo argentino Eduardo Costantini por um milhão e quinhentos mil dólares, em um leilão em Nova Iorque. Costantini fundou, em 2001, o **Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires (Malba)**, local que abriga o quadro desde então.



O Malba, que abriga o Abaporu -
guiabuenosaires

- * A minissérie da Rede Globo “Um Só Coração”, de 2004, retratou a Semana de Arte Moderna de 22. Confira uma seleção de cenas **aqui!**

INDICAÇÕES DA EDIÇÃO



DOCUMENTÁRIOS

- Para comemorar os 80 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, a TV Cultura produziu em 2002 um programa que destaca os principais fatos, personagens, atos e efeitos do Movimento Modernista. Assista aqui: [A Semana de Arte Moderna](#)



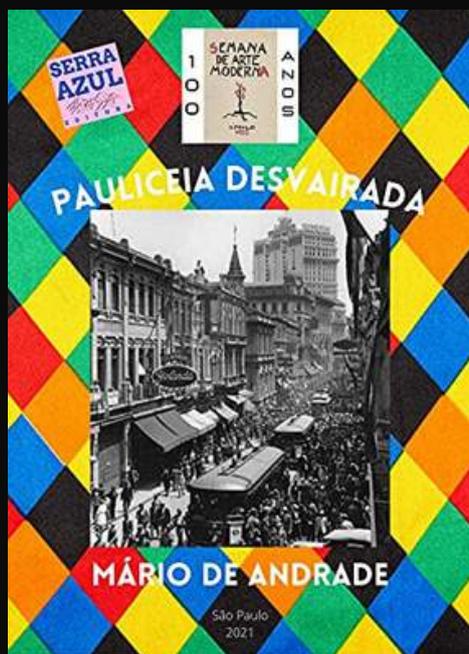
- A TV Brasil também produziu o documentário [“Noventa anos da Semana de Arte Moderna - De Lá Pra Cá”](#) sobre o Movimento.



- Quer ver algo mais didático? Então veja essa vídeo-aula sobre o tema: [Toda Matéria: a Semana de Arte Moderna foi um divisor de águas na cultura brasileira](#)

LIVROS

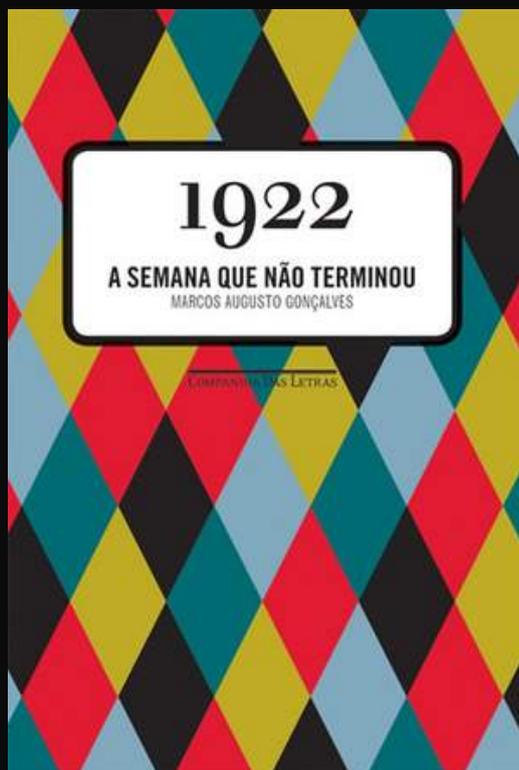
PAULICEIA DESVAIRADA *MÁRIO DE ANDRADE*



Pauliceia Desvairada é o primeiro livro a celebrar abertamente o espírito da Semana de Arte Moderna de 1922. Publicado no mesmo ano da Semana, que em 2022 completa 100 anos, o livro traz no Prefácio Interessantíssimo, que abre o volume, as ideias que nortearão a obra de Mário de Andrade e que projetarão um verdadeiro clarão nas décadas seguintes na literatura e na cultura brasileira. Mário de Andrade tinha 27 anos quando iniciou o volume e 29 quando o publicou – porém tinha a clara consciência de que o que fazia era já história, não por um espírito vaidoso, que nunca teve, mas pela erudição que já tão jovem acumulara no espírito, graças a uma capacidade de trabalho intelectual impressionante, a um espírito inquieto e curioso de pesquisador apaixonado, e a uma energia juvenil que o acompanhou até o fim.

Editora Serra Azul, 76 páginas

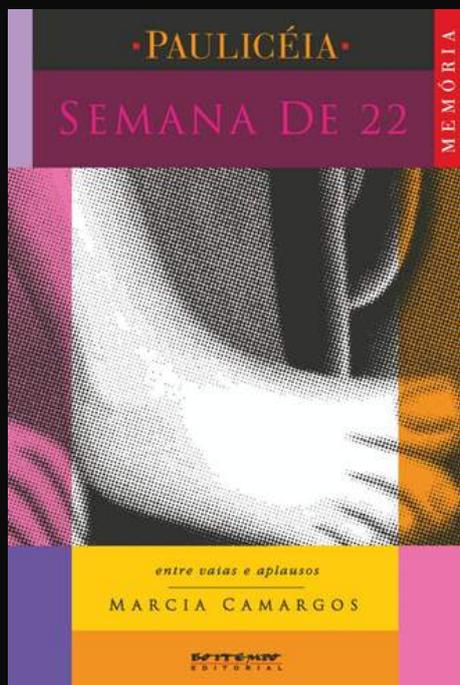
1922, A SEMANA QUE NÃO TERMINOU **MARCOS AUGUSTO GONÇALVES**



Numa narrativa fluente, elegante e crítica, que mescla linguagem jornalística e relato histórico, o jornalista Marcos Augusto Gonçalves dá vida aos personagens e descreve as famosas jornadas que animaram o Teatro Municipal nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, durante o festival que ficou conhecido como Semana de Arte Moderna. Ao mesmo tempo em que reconstitui passo a passo o evento, o autor despe o episódio de mitos que o foram cercando ao longo do tempo: desde certas fantasias triunfalistas associadas a uma espécie de superioridade paulista na formação da cultura moderna brasileira, até as versões que, ao contrário, insistem em diminuir a importância histórica dos festivais encenados pelos rapazes modernistas e patrocinados pela elite econômica da emergente Pauliceia.

Companhia das Letras, 334 páginas

SEMANA DE 22: ENTRE VAIAS E APLAUSOS MÁRCIA CAMARGOS



Uma infinidade de artigos, análises, entrevistas, documentários, programas de rádio e de TV foram realizados ao longo do ano de 2002, nos 80 anos da Semana, procurando lançar luzes sobre o conjunto de ações que se tornou um marco da história cultural paulista e brasileira. Patuscada ou revolução estética? Oitenta anos depois da ruidosa manifestação de jovens intelectuais, realizada no histórico fevereiro de 1922, a questão permanece. Afinal, como a própria autora se pergunta na introdução a este livro da Coleção Pauliceia, dedicado ao principal ícone do fenômeno modernista brasileiro, 'por que um evento que acarretou um prejuízo considerável a seus organizadores, foi difamado por boa parte da imprensa da época, recebeu mais vaias que aplausos continua despertando tanto interesse?

Boitempo, 184 páginas

MÚSICA



Confira acima a apresentação da Sonata nº 2, de Heitor Villa-Lobos, executada pelos músicos Antonio Meneses (cello) e Cristian Budu (piano). Esta Sonata foi a primeira obra a ser apresentada por Villa-Lobos no palco do Teatro Municipal de São Paulo, no dia 13 de fevereiro de 1922.

FONTES CONSULTADAS PARA ESTA EDIÇÃO:

BRANDINO, Luiza. "Semana de Arte Moderna de 1922"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/semana-arte-moderna-1922.htm>. Acesso em 02 de dezembro de 2021.

[Enciclopédia Itaú Cultural](#)

[Portal E-biografia](#)

[Portal Toda Matéria](#)

[Wikipedia](#)



Cabeça de Cristo, 1920
Coleção Acervo Mario de Andrade, Instituto de Estudos
Brasileiros da Universidade de São Paulo.
(Foto: Livro Notícias de Brecheret - Sandra Brecheret)

ODE AO BURGUÊS

Eu insulto o burguês! O burguês-níquel,
o burguês-burguês!
A digestão bem-feita de São Paulo!
O homem-curva! o homem-nádegas!
O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,
é sempre um cauteloso pouco-a-pouco!

Eu insulto as aristocracias cautelosas!
Os barões lampiões! os condes Joões! os duques zurros!
que vivem dentro de muros sem pulos;
e gemem sangues de alguns mil-réis fracos
para dizerem que as filhas da senhora falam o francês
e tocam os "Printemps" com as unhas!

Eu insulto o burguês-funesto!
O indigesto feijão com toucinho, dono das tradições!
Fora os que algarismam os amanhãs!
Olha a vida dos nossos setembros!
Fará Sol? Choverá? Arlequinal!
Mas à chuva dos rosais
o êxtase fará sempre Sol!

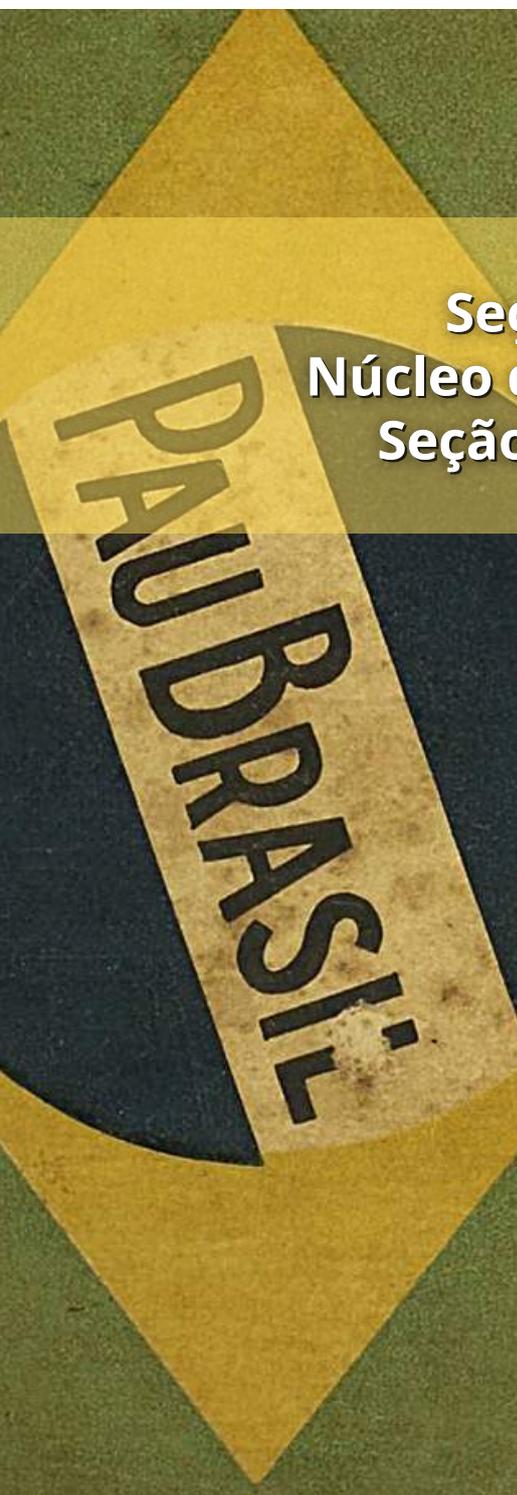
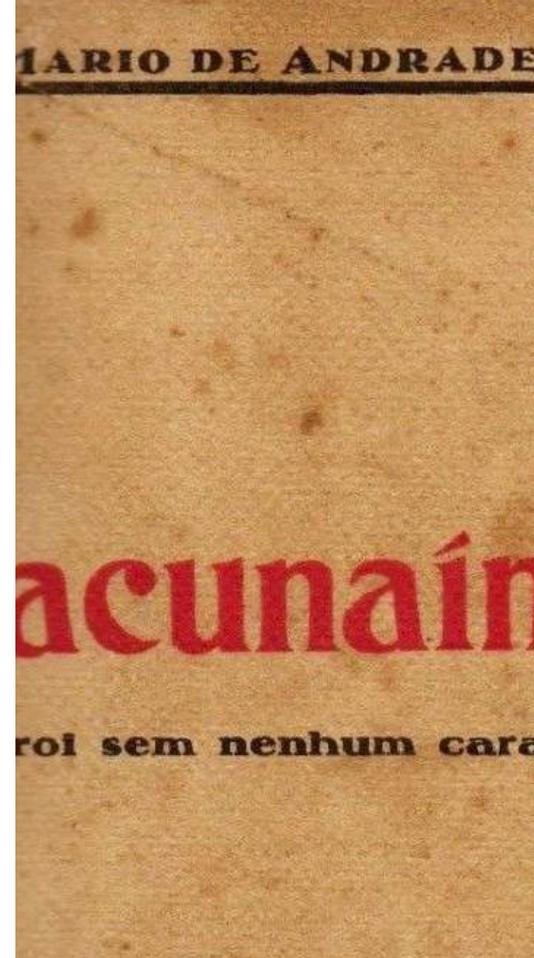
Morte à gordura!
Morte às adiposidades cerebrais!
Morte ao burguês-mensal!
ao burguês-cinema! ao burguês-tílburil!
Padaria Suissa! Morte viva ao Adriano!
"— Ai, filha, que te darei pelos teus anos?
— Um colar... — Conto e quinhentos!!!
Mas nós morremos de fome!"

Come! Come-te a ti mesmo, oh gelatina pasma!
Oh! purée de batatas morais!
Oh! cabelos nas ventas! oh! carecas!
Ódio aos temperamentos regulares!
Ódio aos relógios musculares! Morte à infâmia!
Ódio à soma! Ódio aos secos e molhados!
Ódio aos sem desfalecimentos nem arrependimentos,
sempiternamente as mesmices convencionais!
De mãos nas costas! Marco eu o compasso! Eia!
Dois a dois! Primeira posição! Marcha!
Todos para a Central do meu rancor inebriante

Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!
Morte ao burguês de gíolhos,
cheirando religião e que não crê em Deus!
Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!
Ódio fundamento, sem perdão!

Fora! Fu! Fora o bom burgês!...

Mário de Andrade
(Poema de Paulicéia Desvairada, 1922)



Seção Judiciária do Paraná
Núcleo de Documentação e Memória
Seção de Memória Institucional

